

SAUL BELLOW

# O legado de Humboldt

*Tradução*  
Rubens Figueiredo

Copyright © 1973, 1974, 1975 by Saul Bellow

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Humboldt's Gift

*Capa*

Elisa von Randow

*Foto de capa*

Ritimages/ Getty Images

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Luciana Baraldi

Jane Pessoa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bellow, Saul, 1915-2005.

O legado de Humboldt / Saul Bellow ; tradução Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Humboldt's Gift

ISBN 978-85-359-2286-8

1. Amizade — Ficção 2. Escritores — Ficção 3. Ficção norte-americana 4. Poetas — Ficção I. Título.

13-05396

CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

O livro de poemas publicado por Von Humboldt Fleisher nos anos 30 foi um sucesso imediato. Humboldt era exatamente o que todos estavam esperando. Lá no distante Meio Oeste, sem dúvida eu também vinha esperando ansiosamente, posso garantir. Escritor de vanguarda, o primeiro de uma nova geração, era bonito, leal, grande, sério, espirituoso, e também culto. O cara tinha tudo isso. Todos os jornais resenharam o seu livro. Sua foto apareceu na *Time* sem insultos e na *Newsweek* com elogios. Li *Baladas de Arlequim* com entusiasmo. Eu era estudante na Universidade de Wisconsin e só pensava em literatura, dia e noite. Humboldt me revelou caminhos novos para fazer as coisas. Fiquei em êxtase. Eu tinha inveja da sua sorte, do seu talento e da sua fama, e em maio fui para o Leste a fim de vê-lo — quem sabe até chegar perto dele. O ônibus da viação Greyhound, que seguia pela estrada de Scranton, completou a viagem em mais ou menos cinquenta horas. Isso não tinha importância. As janelas do ônibus ficaram abertas. Eu nunca tinha visto montanhas de verdade. As árvores estavam florindo. Era como a *Pastorale* de Beethoven. Eu me senti banhado por dentro pelo verde. Manhattan também era bonita. Aluguei um quarto por três dólares por semana e arranjei um emprego como vendedor de escovas Fuller, de porta em porta. E fiquei loucamente empolgado com tudo. Depois de escrever uma comprida carta

de fã a Humboldt, fui convidado a ir ao Greenwich Village para discutir literatura e ideias. Ele morava na Bedford Street, perto do Chumley's. Primeiro Humboldt me serviu um café puro e depois gim na mesma xícara. “Bem, você é um cara muito boa-pinta, Charlie”, ele me disse. “Será que você não é meio dissimulado? Acho que está destinado a uma calvície precoce. E que olhos bonitos, grandes e emotivos. Mas é claro que você ama a literatura e isso é o que é importante. Tem sensibilidade”, disse. Foi um pioneiro no emprego dessa palavra. Mais tarde, sensibilidade fez grande sucesso. Humboldt foi muito gentil. Apresentou-me a várias pessoas no Village e me arranhou livros para resenhar. Eu sempre o adorei.

O sucesso de Humboldt durou mais ou menos dez anos. No fim dos anos 40, ele começou a afundar. No início da década de 50, eu é que fiquei famoso. Cheguei a ganhar um monte de dinheiro. Ah, dinheiro, o dinheiro! Humboldt usou o dinheiro para me atacar. Nos últimos anos de vida, quando não estava deprimido demais para falar, e quando não estava trancado num hospício, ele rodava por Nova York dizendo coisas amargas sobre mim e meus “milhões de dólares”. “Vejam o caso do Charlie Citrine. Ele veio de Madison, no Wisconsin, e foi bater na minha porta. Agora ganhou um milhão de dólares. Que tipo de escritor ou intelectual consegue ganhar tanta grana assim — um Keynes? Está bem, Keynes, uma figura mundial. Um gênio da economia, um príncipe em Bloomsbury”, dizia Humboldt. “Casado com uma bailarina russa. O dinheiro vem a reboque. Mas quem diabos é esse tal de Citrine para ficar tão rico? Antigamente, nós éramos muito amigos”, dizia Humboldt com exatidão. “Mas tem alguma coisa maligna nesse cara. Depois de ganhar a sua grana, por que ele foi se enfiar lá no interior? Por que diabos ele se mudou para Chicago? Está com medo de ser descoberto.”

Toda vez que sua mente estava clara o bastante, ele usava seu dom para me atacar. Fazia um belo trabalho.

E dinheiro nem era o que eu tinha em mente. Ah, meu Deus, nem de longe. O que eu queria era fazer o bem. Eu andava louco para fazer algo de bom. E esse sentimento remontava a meu primeiro e peculiar sentimento de existência — afundado nas profundezas cristalinas da vida e tateando, comovido e desesperado, em busca de um sentido, uma pessoa com uma aguda consciência de véus pintados, de Maia, de abóbadas de vidro pintado de muitas cores que toldavam o esplendor da eternidade, palpitante no vazio

intenso etc. Eu andava um bocado maluco a respeito dessas coisas. Humboldt sabia disso, na verdade, mas já no final ele não conseguia mais ter a menor compaixão por mim. Doente e magoado, ele não conseguia me deixar em paz. Apenas enfatizava a contradição entre os véus pintados e a riqueza. Mas quantias como as que ganhei se formavam sozinhas. O capitalismo as produzia por obscuras razões cômicas e próprias a ele. O mundo as formava. Ontem li no *Wall Street Journal* acerca da melancolia da riqueza. “Em todos os cinco milênios da história registrada da humanidade, nunca tantos foram tão ricos.” As mentes formadas por cinco milênios de escassez foram distorcidas. O coração não consegue assimilar esse tipo de mudança. Às vezes, simplesmente se recusa a aceitar.

Nos anos 20, os meninos de Chicago andavam à caça do tesouro no gelo de março. Morrinhos de neve suja formavam-se junto ao meio-fio e, quando derretiam, a água corria brilhante e ondulada nos bueiros e podia-se encontrar pilhagens maravilhosas — tampinhas de garrafa, engrenagens de máquinas, moedas de um centavo com a cabeça de um índio em relevo. E na última primavera, agora já quase um cara crescido, descobri que eu havia deixado a calçada e estava seguindo o meio-fio e procurando. O quê? O que eu estava fazendo? Vamos supor que eu achasse uma moedinha de dez centavos. Vamos supor que eu achasse uma moedinha de cinquenta centavos. E aí? Não sei como a alma da criança havia voltado, mas havia. Tudo estava derretendo. Gelo, prudência, maturidade. O que Humboldt teria dito a respeito?

Quando chegavam notícias dos comentários perniciosos que Humboldt fazia, muitas vezes eu descobria que estava de acordo com ele. “Dão ao Citrine um prêmio Pulitzer pelo seu livro sobre Wilson e Tumulty. O Pulitzer é para pintos, para frangotes. Não passa de um prêmio de papagaiada para fazer publicidade no jornal, dado por picaretas e analfabetos. O cara vira um Pulitzer ambulante e então, até na hora em que bate as botas, as primeiras palavras do obituário são ‘Faleceu vencedor de prêmio Pulitzer’.” E ele tinha certa razão, eu pensava. “E o Charlie é um Pulitzer duplo. Primeiro veio aquela peça cafona. Que lhe rendeu uma fortuna na Broadway. Além dos direitos para o cinema. Ele ganhou uma porcentagem da receita bruta! E não quero dizer que, na verdade, ele cometeu um plágio nem nada, mas de fato roubou alguma coisa de mim — minha personalidade. Ele embutiu a minha personalidade no seu herói.”

Ainda assim, embora parecesse alucinado, ele talvez tivesse certa razão.

Era um orador maravilhoso, um improvisador e monologuista de fôlego incansável, um campeão da maledicência. Ser espinafado por Humboldt era, a rigor, uma espécie de privilégio. Era como ser o tema de um retrato feito por Picasso, com aquelas caras de dois narizes, ou uma galinha desventrada por Soutine. O dinheiro sempre foi uma fonte de inspiração para ele. Adorava falar sobre os ricos. Formado nas leituras dos tabloides de Nova York, muitas vezes ele mencionava os escândalos dourados do passado, Peaches e Daddy Browning, Harry Thaw e Evelyn Nesbitt, sem falar da Era do Jazz, Scott Fitzgerald e os Super-Ricos. Conhecia de cor e salteado as herdeiras de Henry James. Havia ocasiões em que ele mesmo elaborava planos cômicos para fazer fortuna. Mas sua verdadeira riqueza era literária. Tinha lido milhares de livros. Dizia que a história era um pesadelo durante o qual ele tentava gozar uma boa noite de repouso. A insônia fazia dele um homem mais culto. De madrugada, lia livros grossos — Marx e Sombart, Toynbee, Rostovtzeff, Freud. Quando falava de riqueza, tinha condições de comparar o *luxus* romano com a opulência protestante americana. Geralmente arranjava um jeito de falar dos judeus — os judeus de Joyce, de chapéu de seda na porta da Bolsa de Valores. E acabava se referindo ao crânio banhado em ouro ou à máscara mortuária de Agamêmnon escavados por Schliemann. Falar era mesmo com Humboldt.

Seu pai, imigrante judeu húngaro, tinha feito parte da cavalaria de Pershing em Chihuahua, caçando Pancho Villa no México das prostitutas e dos cavalos (muito diferente do meu pai, homem pequeno e galanteador, que evitava esse tipo de coisa). Seu velho mergulhou de cabeça nos Estados Unidos. Humboldt falava de botas, de clarins e de barracas de soldados. Mais tarde vieram as limusines, os hotéis de luxo, os palácios na Flórida. Seu pai morou em Chicago durante o boom. Trabalhava no ramo dos imóveis e tinha uma suíte no Hotel Edgewater Beach. Nos verões, mandava trazerem seu filho. Humboldt também conhecia Chicago. Nos tempos de Hack Wilson e Woody English, os Fleisher tinham um camarote em Wrigley Field. Eles iam ver um jogo num automóvel Pierce-Arrow ou num Hispano-Suiza (Humboldt era doido por carros). E havia o adorável John Held Jr., garotas, beldades, que usavam pantalonas. E também uísque, gângsteres e os bancos sombrios e macabros, providos de pilares, de La Salle Street, cheios do dinheiro da

ferrovia, da carne de porco e das segadoras mecânicas trancado em cofres de aço. Dessa Chicago eu era totalmente ignorante, quando cheguei lá, vindo de Appleton. Eu brincava com as crianças polonesas embaixo dos viadutos onde passavam os bondes elétricos. Humboldt comia bolos de chocolate com coco e marshmallow no Henrici's. Eu nunca sequer vi o Henrici's por dentro.

Uma vez vi a mãe de Humboldt em seu apartamento escuro na West End Avenue. Seu rosto parecia bastante com o do filho. Era muda, gorda, de lábios grossos, usava um roupão de banho amarrado na cintura. Tinha o cabelo branco, espesso, fidjiano. A melanina estava nas costas das suas mãos, e em seu rosto escuro havia manchas ainda mais escuras, do tamanho dos seus olhos. Humboldt tinha de se curvar para falar com a mãe, e ela não respondia nada, apenas olhava fixo para a frente, com uma espécie de forte ressentimento feminino. Ele estava sombrio quando saiu do prédio e disse: “Antigamente ela me deixava ir para Chicago, mas eu tinha que espionar o velho e copiar os dados dos extratos bancários e os números das contas e também anotar os nomes das suas prostitutas. Ela ia entrar na justiça contra ele. Ela é louca, sabe? Mas aí ele perdeu tudo no *crash* da Bolsa. Morreu de ataque do coração lá na Flórida”.

Esse era o pano de fundo daqueles poemas espirituosos e divertidos. Humboldt era um maníaco-depressivo (diagnóstico que ele mesmo fez). Possuía uma coleção de livros de Freud e lia revistas de psiquiatria. Depois que a gente lia a *Psicopatologia da vida cotidiana*, sabia que a vida cotidiana era psicopatologia. Isso não era problema para Humboldt. Muitas vezes ele citava para mim um trecho de *Rei Lear*: “Nas cidades, motins; no campo, discórdia; nos palácios, traição; e se rompeu o vínculo entre pai e filho...”. Enfatizava “pai e filho”. “Desordens nefastas nos acompanham sôfregas até a beira de nossos túmulos.”

Bem, foi mesmo para lá que desordens nefastas o acompanharam, sete anos atrás. E agora, quando foram publicadas novas antologias, fui até o porão da livraria Brentano's e dei uma olhada. Os poemas de Humboldt foram omitidos. Os sacanas, os diretores do funeral literário e os políticos que reuniram essas coletâneas não enxergam nenhuma utilidade no ultrapassado Humboldt. E também todo o seu pensamento, seus escritos, seu sentimento, não serviam para nada, todas as suas investidas por trás das linhas inimigas para resgatar a beleza não produziram nenhum resultado, a não ser esgotá-lo. Ele

caiu morto num hotel desolado na periferia da Times Square. Eu, escritor de um tipo diferente, segui em frente para cumprir o luto da sua morte, em meio à prosperidade, lá em Chicago.

A nobre ideia de ser um poeta americano certamente fazia Humboldt às vezes sentir-se como um excêntrico, um menino, um cômico, um bobo. Vivíamos como boêmios e estudantes de pós-graduação, num espírito de farra e de jogos. Talvez os Estados Unidos não precisassem de arte e de milagres íntimos. Já tinham tantos outros, exteriores. Os Estados Unidos eram um grande empreendimento, muito grande. Quanto mais *isso*, menos *nós*. Portanto Humboldt se comportava como um excêntrico e um tema cômico. Mas de vez em quando havia uma ruptura em sua excentricidade, quando ele parava e pensava. Tentava pensar em si mesmo à parte daquele mundo americano (eu fazia isso também). Eu podia perceber que Humboldt estava ponderando sobre o que fazer entre *agora* e *depois*, entre nascimento e morte, a fim de dar conta de certas questões importantes. Tais meditações não ajudavam a torná-lo mais são. Experimentou drogas e bebida. Por fim muitos procedimentos de terapias de choque tiveram de ser administrados. Da maneira como ele via as coisas, era Humboldt contra a loucura. A loucura era muito mais forte.

Eu mesmo não estava me saindo tão bem na ocasião em que Humboldt interveio do túmulo, por assim dizer, e provocou uma mudança fundamental em minha vida. Apesar da nossa grande briga e de quinze anos de desavença, ele me deixou algo em seu testamento. Entrei de posse de um legado.

Ele era um grande humorista, mas estava no caminho da loucura. O elemento patológico só podia deixar de ser notado por aqueles que riam tanto que não eram capazes de observar. Humboldt, pessoa simpática, inconstante e colossal, com seu rosto louro e largo, homem charmoso, fluente, profundamente compenetrado, a quem eu era tão ligado, viveu com paixão o tema do Sucesso. Naturalmente, morreu como um Fracasso. O que mais pode resultar quando atribuímos letras maiúsculas a tais substantivos? Eu mesmo. Eu sempre reprimi o bando das palavras sagradas. Em minha opinião, Humboldt tinha uma lista comprida demais de tais palavras — Poesia, Beleza, Amor, Terra Devastada, Alienação, Política, História, Inconsciente. E, é claro, Maníaco e Depressivo, sempre com letras maiúsculas. Segundo ele, o maior

Maníaco-Depressivo dos Estados Unidos foi Lincoln. E Churchill, o qual ele chamava de humor de Cão Negro, era um caso clássico de Depressão Maníaca. “Assim como eu, Charlie”, dizia Humboldt. “Mas, pense bem — se Energia é Prazer e se Exuberância é Beleza, o Maníaco-Depressivo sabe mais que qualquer um sobre Prazer e Beleza. Quem mais tem tanta Energia e Exuberância? Talvez seja uma estratégia da Psique para aumentar a depressão. Freud não disse que a Felicidade não era nada mais que a remissão da Dor? Portanto, quanto mais Dor, mais intensa a Felicidade. Mas existe uma origem prévia para isso e a Psique faz a Dor de propósito. De todo modo, a Humanidade fica atônita com a Exuberância e a Beleza de certos indivíduos. Quando um Maníaco-Depressivo escapa das suas Fúrias, ele é irresistível. Ele captura a História. Acho que essa contrariedade é uma técnica secreta do Inconsciente. E quanto a grandes homens e reis serem escravos da História, acho que Tolstói estava fora dos trilhos. Não se iluda, reis são os doentes mais sublimes. Os heróis Maníaco-Depressivos empurram a humanidade para os seus ciclos e carregam todo mundo.”

O pobre Humboldt não impôs seus ciclos por muito tempo. Nunca chegou a se tornar o centro radiante da sua época. A depressão capturou-o para sempre. Os períodos de poesia e de mania terminaram. Três décadas depois de *Baladas de Arlequim* terem feito dele um homem famoso, Humboldt morreu de ataque cardíaco numa pensão, na região entre as ruas Quarenta e Cinquenta Oeste, um daqueles redutos comerciais do Bowery. Naquela noite, calhou de eu estar em Nova York. Estava lá a trabalho — ou seja, não era para fazer nada de bom. Nenhum aspecto dos meus negócios era bom. Em desavença com todo mundo, Humboldt morava num lugar chamado Ilcombe. Mais tarde, fui lá dar uma olhada. O Serviço Social alojava uns velhos ali. Humboldt morreu numa noite quente como o diabo. Mesmo no Plaza, eu me sentia desconfortável. O monóxido de carbono estava espesso. Os palpitações aparelhos de ar-refrigerado pingavam em cima da gente na calçada. Uma noite ruim. E no avião a jato 727, quando eu viajava de volta para Chicago na manhã seguinte, abri o *Times* e vi o obituário de Humboldt.

Sabia que Humboldt morreria logo, porque eu o vi na rua dois meses antes e a morte o cobria dos pés à cabeça. Ele não me viu. Estava grisalho, corpulento, doente, sujo, tinha comprado um palitinho de *pretzel* e estava comendo. Seu almoço. Escondido atrás de um carro estacionado, fiquei

olhando. Não me aproximei. Senti que era impossível. Daquela vez, meus Negócios no Leste eram legítimos e eu não estava atrás de nenhuma garota, mas sim preparando uma matéria para uma revista. E exatamente naquela manhã, eu tinha sobrevoado Nova York num cortejo de helicópteros da guarda costeira, com os senadores Javits e Robert Kennedy. Depois tinha ido a um almoço político no Central Park, no Restaurante Tavern on the Green, onde todas as celebridades ficaram em êxtase ao ver umas às outras. Eu estava em “grande forma”, como dizem. Quando não estou com bom aspecto, pareço um desastre. Mas eu sabia que estava com bom aspecto. Além do mais, eu tinha dinheiro nos bolsos e havia passeado diante de umas vitrines na Madison Avenue. Se alguma gravata Hermès ou Cardin me agradasse, poderia comprá-la sem perguntar o preço. Minha barriga estava reta, eu usava cuecas samba-canção feitas de algodão penteado de Sea Island, que custavam oito pratas cada uma. Tinha entrado para uma academia de ginástica em Chicago e, com um esforço maduro, mantinha-me em forma. Praticava um esporte rápido e pesado chamado *paddle ball*, uma forma de squash. Portanto, como é que eu poderia falar com Humboldt? Era demais. Enquanto estava no helicóptero ziguezagueando sobre Manhattan, vendo Nova York como se estivesse passeando num barco com fundo de vidro sobre recifes tropicais, na certa Humboldt estava Tateando em meio às suas garrafas à cata de uma gota de suco para misturar com seu gim matinal.

Depois da morte de Humboldt, tornei-me um adepto ainda mais ferrenho dos exercícios físicos. No último Dia de Ação de Graças, consegui fugir de um assaltante em Chicago. Ele pulou de um beco escuro e eu caí fora rapidamente. Foi puro reflexo. Saltei para o lado e saí em disparada pelo meio da rua. Quando menino, eu não era um corredor muito bom. Como é que, já depois dos cinquenta anos, fiquei inspirado com a rapidez e capaz de grandes arrancadas de velocista? Mais tarde, naquela mesma noite, me vangloriei: “Ainda consigo ganhar de um drogado nos cem metros rasos”. E para quem foi que contei vantagem sobre a força das minhas pernas? Para uma jovem chamada Renata. Estávamos deitados na cama. Contei a ela como corri — disparei feito um louco, voei. E ela me disse, como uma deixa (ah, a cortesia, a gentileza daquelas garotas lindas): “Você está em ótima forma, Charlie. Não é um sujeito grande, mas é vigoroso, resistente e também é elegante”. Afagou meus flancos nus. E assim meu camarada Humboldt tinha partido. Na certa

seus ossos tinham se esfarelado numa vala comum. Talvez não houvesse nada em seu túmulo a não ser uns torrões de fuligem. Mas Charlie Citrine continuava a fugir de criminosos nas ruas de Chicago e Charlie Citrine estava em ótima forma, deitado ao lado de uma amiga voluptuosa. Esse Citrine era agora perfeitamente capaz de executar um exercício de ioga e tinha aprendido a ficar de pernas para o ar e com a cabeça apoiada no chão para aliviar seu pescoço artrítico. Sobre minha taxa baixa de colesterol, Renata estava bem informada. Também repeti para ela os comentários do médico sobre minha próstata, admiravelmente jovem, e sobre meu eletrocardiograma supernormal. Fortificado na ilusão e na tolice por tais pareceres da medicina, abracei a peituda Renata naquele colchão ortopédico e anatômico. Ela me fitou com olhos piedosos de amor. Inalei sua umidade deliciosa, participando pessoalmente do triunfo da civilização americana (agora tingida com as cores orientais do Império). Porém, em algum calçadão fantasma de Atlantic City da mente, eu via um outro Citrine, já à beira da senilidade, de costas curvadas, e frágil. Muito, muito frágil, empurrado numa cadeira de rodas sobre pequenas ondulações salgadas, ondulações que, como eu mesmo, eram cheias de arestas abruptas. E quem é que estava empurrando minha cadeira de rodas? Seria Renata — a Renata que eu havia conquistado nas guerras da Felicidade, num rápido ataque de blindados à maneira do general Patton? Não, Renata era uma garota ótima, mas eu não era capaz de vê-la atrás de minha cadeira de rodas. Renata? Renata, não. Seguramente não.

Em Chicago, Humboldt tornou-se um dos meus mortos importantes. Eu passava muito tempo, tempo até demais, divagando sobre os mortos e comungando com eles. Além do mais, meu nome estava associado ao de Humboldt, pois, à medida que o passado recuava, os anos 40 começavam a se tornar valiosos para as pessoas que fabricavam tecidos culturais multicoloridos, e espalhou-se a notícia de que em Chicago havia um sujeito, ainda vivo, que antigamente tinha sido amigo de Von Humboldt Fleisher, um homem chamado Charlie Citrine. As pessoas que escreviam artigos, teses universitárias e livros entravam em contato comigo ou viajavam de avião só para conversar sobre Humboldt. E devo dizer que, em Chicago, Humboldt era um assunto natural de reflexão. Estendida na extremidade sul dos Grandes Lagos — vinte por cento do suprimento de água doce do mundo —, Chicago, com sua gigantesca vida exterior, continha todo o problema da poesia e da vida

interior nos Estados Unidos. Aqui se podia examinar tais assuntos através de uma espécie de transparência de água doce.

“Sr. Citrine, como o senhor explica a ascensão e a queda de Von Humboldt Fleisher?”

“Jovens, o que vocês tencionam fazer com os fatos a respeito do Humboldt? Publicar artigos e dar impulso às suas carreiras? Isso é puro capitalismo.”

Eu pensava em Humboldt com mais seriedade e sofrimento do que pode parecer nessa resposta. Eu não gostava de tanta gente assim. Não podia me dar ao luxo de perder alguém. Um sinal infalível de amor era o fato de eu sonhar muitas vezes com Humboldt. Toda vez que eu o via, ficava tremendamente comovido e chorava em meu sono. Certa vez sonhei que nos encontramos na Whelan’s Drugstore, na esquina da rua Seis com a Oito, no Greenwich Village. Ele não era o homem inchado, pesado e alquebrado que eu tinha visto na rua 46, mas sim o mesmo Humboldt vigoroso e normal do meio da sua vida. Estava sentado a meu lado, diante da máquina de servir refrigerantes, com uma coca-cola. Eu desatei a chorar. Falei: “Por onde você andou? Pensei que tinha morrido”.

Ele estava muito manso, calado, parecia extremamente satisfeito, e disse: “Agora compreendo tudo”.

“Tudo? O que é tudo?”

Mas ele se limitou a dizer: “Tudo”. Não consegui arrancar mais nada dele e chorei de felicidade. Claro que foi só um sonho do tipo que a gente tem quando a alma não está muito bem. Meu caráter em estado de vigília está longe de ser saudável. Jamais ganhei medalhas por caráter. E todas essas coisas devem estar completamente claras para os mortos. Afinal, eles deixaram para trás a nebulosa e terrena problemática esfera humana. Tenho o pressentimento de que na vida a gente olha, de dentro do ego, nosso centro. Na morte, ficamos na periferia olhando para dentro. Vemos nossos velhos camaradas no Whelan’s ainda se debatendo com o peso opressivo da individualidade e os incentivamos, anunciando que, quando chegar a vez deles entrarem na eternidade, também começarão a compreender e, afinal, terão uma ideia do que foi que aconteceu. Como nada disso é científico, temos medo de pensar.

Então, tudo bem. Vou tentar resumir: aos vinte e dois anos, Von Humboldt Fleisher publicou seu primeiro livro de poemas. Era de imaginar que o filho de imigrantes neuróticos da rua 89 e do West End — seu pai extravagante

te caçando Pancho Villa e, na foto que Humboldt me mostrou, com a cabeça tão cheia de cabelos crespos que seu bibico de soldado estava tombado para o lado; sua mãe, de uma daquelas clamorosamente férteis famílias Potash e Perlmutter, do beisebol e dos negócios, obscuramente bonita a princípio, depois soturnamente louca e silenciosa —, era de imaginar que um rapaz como aquele seria canhestro, que sua sintaxe seria inaceitável a meticolosos críticos góis, em guarda contra o Poder Protestante Estabelecido e contra a Tradição Chique. Nada disso. Os poemas eram puros, musicais, espirituosos, radiantes, humanos. Acho que eram platônicos. Por platônico, entendo uma perfeição original a que todos os seres humanos almejam regressar. Sim, as palavras de Humboldt eram implacáveis. Os Estados Unidos chiques nada tinham com que se preocupar. Estavam numa confusão mental — esperavam que o anticristo irrompesse das favelas. Em vez disso, Humboldt Fleisher veio com uma dádiva de amor. Comportava-se como um cavalheiro. Era encantador. Assim, recebeu calorosas boas-vindas. Conrad Aiken elogiou-o, T.S. Eliot fez menções favoráveis a seus poemas e até Yvor Winters teve algo de bom a dizer sobre ele. Quanto a mim, pedi emprestados trinta dólares e, cheio de entusiasmo, fui para Nova York para conversar com ele na Bedford Street. Isso foi em 1938. Atravessamos o rio Hudson na balsa da Christopher Street para comer mariscos em Hoboken e conversamos sobre os problemas da poesia moderna. Quero dizer que Humboldt me fez uma preleção sobre o assunto. Santayana tinha razão? A poesia moderna era bárbara? Os poetas modernos tinham um material mais maravilhoso que Homero ou Dante. O que não tinham era uma idealização sadia e estável. Ser cristão era impossível, ser pagão também. Isso deixava você-sabe-o-quê.

Eu havia começado a ouvir que as coisas grandes talvez fossem verdadeiras. Isso me foi dito na balsa da Christopher Street. Gestos maravilhosos tinham de ser feitos e Humboldt fez. Disse-me que os poetas deviam imaginar um modo de contornar os Estados Unidos pragmáticos. Despejou aquilo em cima de mim durante o dia todo. E lá estava eu, tendo êxtases, com minha sufocante roupa de vendedor de escovas Fuller, uma roupa feita de lã e de segunda mão, que era do meu irmão Julius. As calças eram largas na cintura e a camisa era folgada, pois Julius tinha um peito gordo. Eu enxugava meu suor com um lenço em que havia uma letra J bordada.

O próprio Humboldt estava só começando a ganhar peso. Era farto nos

ombros, mas ainda tinha a cintura fina. Mais tarde, ficou com a barriga proeminente, como Babe Ruth. Suas pernas eram incansáveis e os pés faziam movimentos nervosos. Embaixo, um embaralhamento de comédia; em cima, dignidade e um ar principesco, um certo charme amalucado. Uma baleia que subisse à superfície ao lado do nosso barco poderia olhar para nós do mesmo jeito que ele, com seus olhos cinzentos arregalados. Humboldt era fino e ao mesmo tempo grosso, pesado mas também leve, e o rosto era tanto pálido quanto escuro. O cabelo dourado acastanhado fluía para o alto — duas ligeiras cristas e uma entrada escura. Sua testa tinha uma cicatriz. Quando criança, havia caído em cima de uma lâmina de patins de gelo, o próprio osso ficou amassado. Os lábios pálidos eram proeminentes e a boca cheia de dentes de aspecto imaturo, como dentes de leite. Ele consumia seus cigarros até a última fagulha e polvilhava a gravata e o paletó com as cinzas.

O tema naquela tarde era o Sucesso. Eu era da roça e ele estava me apresentando aos fatos brutos. Por acaso eu conseguia imaginar, perguntou ele, o que significava causar um tremendo abalo no Village com seus poemas e depois repetir a dose com ensaios de crítica na *Partisan* e na *Southern Review*? Ele tinha um bocado a falar sobre modernismo, simbolismo, Yeats, Rilke, Eliot. Além disso, bebia que era uma beleza. E é claro que havia um monte de garotas. Além do mais, na época, Nova York era uma cidade muito russa, e então a gente tinha Rússia por todo lado. Como disse Lionel Abel, era o caso de uma metrópole que aspirava a pertencer a outro país. Nova York sonhava em deixar a América do Norte e fundir-se com a Rússia soviética. Humboldt, em sua conversa, passava facilmente de Babe Ruth a Rosa Luxemburgo, Béla Kun e Lênin. Imediatamente entendi que se eu não lesse Trótski logo, não seria uma pessoa digna de conversar com ninguém. Humboldt falava comigo sobre Zinóviev, Kámenev, Bukhárin e sobre o Instituto Smólni, os engenheiros de Chákhti, os processos de Moscou, o livro *De Hegel a Marx*, de Sidney Hook, *O Estado e a revolução*, de Lênin. Na verdade, ele se comparava a Lênin. “Eu sei como o Lênin se sentiu em outubro, quando exclamou: ‘*Es schwindelt!*’. Ele não queria dizer que estava *schwindlando* todo mundo, mas que se sentia exultante. Por mais duro que fosse, Lênin era que nem uma mocinha dançando uma valsa. Eu também. O sucesso me dá vertigem, Charlie. As minhas ideias não vão me deixar dormir. Vou para a cama sem tomar uma bebida nem nada e o quarto fica rodando. Vai acontecer com você também.

Estou dizendo isso para você já ficar preparado”, disse Humboldt. Em matéria de lisonja, ele tinha um jeito maravilhoso.

Loucamente empolgado, mostrei-me tímido. É claro que eu me encontrava num estado de intensa preparação e tinha esperança de deixar todo mundo de queixo caído. Toda manhã, na reunião da equipe de vendedores de escovas Fuller, falávamos em uníssono: “Eu me sinto ótimo e elegante, e você, como vai?”. Mas na verdade eu me sentia ótimo e elegante. Não precisava fingir. Eu não poderia estar mais ávido do que já estava — ávido de cumprimentar donas de casa, ávido de entrar em suas casas e ver aquelas cozinhas, ávido de ouvir as histórias delas e suas queixas. A hipocondria veemente das mulheres judias era uma novidade para mim; na época, eu estava louco para ouvir as histórias dos seus tumores e das suas pernas inchadas. Queria que me falassem sobre casamento, parto, dinheiro, doença e morte. Sim, eu tentava encaixá-las em categorias, enquanto ficava sentado com elas tomando café. Eram pequeno-burguesas, assassinas de maridos, alpinistas sociais, histéricas etc. Mas não adiantava nada, esse ceticismo analítico. Eu estava entusiasmado demais. Eu mascateava minhas escovas com muita empolgação, a mesma com que ia ao Village à noite e ouvia os melhores conversadores de Nova York — Schapiro, Hook, Rahv, Huggins e Gumbein. Debaixo da eloquência deles, eu ficava sentado feito um gato numa sala de concertos. Mas Humboldt era o melhor de todos. Era simplesmente o Mozart da arte da conversa.

Na balsa, Humboldt disse: “Fiquei famoso jovem demais, estou encenado”. Nessa altura, ele estava por baixo. Seu discurso tratava de Freud, Heine, Wagner, Goethe na Itália, o irmão assassinado de Lênin, as roupas de Wild Bill Hickok, os Giants de Nova York, o que Ring Lardner dizia sobre ópera, Swinburne e a flagelação e o que John D. Rockefeller dizia sobre religião. No meio dessas variações, o tema era sempre recapitulado de forma engenhosa e empolgante. Naquela tarde, as ruas pareciam cinzentas, mas o cais da balsa estava cinza brilhante. Humboldt estava desmazelado e majestoso, sua mente se agitava como a água, e as ondas de cabelo louro se erguiam em sua cabeça, o rosto branco e tenso, com os olhos cinzentos muito separados, as mãos enfiadas nos bolsos e os pés calçados em botas de jogar polo, muito perto um do outro.

Se Scott Fitzgerald tivesse sido protestante, disse Humboldt, o Sucesso

não teria lhe causado tantos estragos. Olhe só para o Rockefeller pai, ele sabia como lidar com o Sucesso, simplesmente dizia que Deus havia lhe dado toda a sua grana. Estava claro que aquilo era uma forma de agir por procuração. Aquilo era calvinismo. E uma vez que Humboldt tinha falado em calvinismo, tinha de falar também de Graça e Depravação. De Depravação, passava para Henry Adams, que disse que em poucas décadas, de um jeito ou de outro, o progresso mecânico acabaria por partir nossos pescoços, e de Henry Adams ele passava para a questão da eminência numa era de revoluções, de caldos de cultura, de massas, e disso saltava para Tocqueville, Horatio Alger e Ruggles de Red Gap. Louco por cinema, Humboldt acompanhava a revista *Fofocas da Tela*. Lembrava-se pessoalmente de Mae Murray como uma deusa coberta de lantejoulas numa peça de Loew em que convidava as crianças para visitá-la na Califórnia. “Ela estreou *A rainha da Tasmânia* e *Circe, a Feiticeira*, mas terminou velha encarquilhada num asilo de idosos. E aquele tal, o que se matou no hospital? Como se chamava mesmo? O que pegou um garfo e cravou no próprio coração, batendo com o salto do sapato, o pobre infeliz!”

Isso era triste. Mas na verdade não me importava quanta gente havia batido as botas. Eu estava maravilhosamente feliz. Nunca tinha visitado a casa de um poeta, nunca tinha bebido gim puro, nunca tinha comido mariscos cozidos, nunca tinha sentido o cheiro da maresia. Nunca tinha ouvido ninguém falar tais coisas a respeito dos negócios, do seu poder de petrificar a alma. Humboldt falava maravilhosamente dos maravilhosos e abomináveis ricos. Era preciso vê-los sob a blindagem da arte. Seu monólogo era um oratório em que ele cantava e representava todos os papéis. Atingindo alturas ainda maiores, começou a falar de Espinosa e de como a mente era alimentada com alegria por coisas eternas e infinitas. Esse era Humboldt, o estudante que tirou a melhor nota em filosofia no curso do grande Morris R. Cohen. Duvido que ele falasse assim com qualquer pessoa, exceto com um garoto recém-chegado da roça. Mas depois de Espinosa, Humboldt ficou um pouquinho deprimido e falou: “Tem uma porção de gente esperando por mim só para quebrar a minha cara. Tenho um milhão de inimigos”.

“Você? Mas por quê?”

“Acho que você nunca leu nada sobre a Sociedade Canibal dos Índios Kwakiutl”, disse o erudito Humboldt. “Quando o candidato executa a sua dança de iniciação, entra num estado de frenesi e come carne humana. Mas se comete um erro no ritual, a multidão faz o sujeito em pedacinhos.”

“Mas por que a poesia levaria alguém a ter um milhão de inimigos?”

Ele disse que aquela era uma boa pergunta, mas era óbvio que não estava falando no sentido literal. Ficou sombrio e a voz tornou-se monótona — metálica —, como se houvesse um toque de lata em seu formidável teclado. Agora ele fez soar esta nota. “Eu posso pensar que estou levando uma oferenda ao altar, mas não é assim que eles encaram a coisa.” Não, aquela não era uma boa pergunta, pois o fato de eu tê-la feito significava que não conhecia o Mal, e se eu não conhecia o Mal, minha admiração não tinha valor. Ele me perdoava porque eu era só um garoto. Mas quando ouvi o tilintar metálico, dei-me conta de que eu tinha de aprender a me defender. Humboldt havia aberto a torneira da minha afeição e admiração e ela estava fluindo numa escala perigosa. Aquela hemorragia de avidez me deixaria fraco e, quando estivesse fraco e indefeso, eu levaria na cabeça. E então imaginei: Ah, ah! Humboldt quer que eu me adapte a ele perfeitamente, dos pés à cabeça. Ele vai me dominar. É melhor eu prestar atenção.

Na noite opressiva em que alcancei *meu* sucesso, Humboldt fez piquete na porta do Teatro Belasco. Ele tinha acabado de sair de Bellevue. Um enorme letreiro, *Von Trenck, de Charles Citrine*, brilhava acima da rua. Havia milhares de lâmpadas elétricas. Cheguei de smoking e lá estava Humboldt, com um bando de amigos e torcedores. Saí ligeiro do táxi, com minha amiga, e fui colhido pela comoção na calçada. A polícia controlava a multidão. Os companheiros dele berravam e promoviam arruaça e Humboldt erguia seu cartaz de piquete como se fosse uma cruz. Em letras cursivas, mercurocromo sobre algodão, estava escrito O AUTOR DESSA PEÇA É UM TRAIADOR. Os manifestantes foram empurrados para trás pela polícia e Humboldt e eu não ficamos cara a cara. Você quer que a gente ponha esse cara para correr?, perguntou-me o assistente do produtor.

“Não”, respondi, tremendo, magoado. “Antigamente eu era o seu protegido. Ele e eu éramos bons camaradas, esse maluco filho da mãe. Deixe-o em paz.”

Demmie Vonghel, a dama que me acompanhava, disse: “Que homem bom! Isso mesmo, Charlie, você é um homem bom”.

*Von Trenck* ficou em cartaz na Broadway por oito meses. Recebi as atenções do público durante quase um ano e não ensinei nada a eles.

Agora, sobre a morte real de Humboldt: morreu em Ilcombe, logo depois da esquina perto do Teatro Belasco. Em sua última noite, da maneira como eu a reconstituí, ele estava sentado na cama, em seu quarto sórdido, provavelmente lendo. Os livros no quarto eram de poemas de Yeats e a *Fenomenologia* de Hegel. Além desses autores visionários, lia o *Daily News* e o *Post*. Estava em dia com os esportes e com a vida noturna, com a alta sociedade e as atividades da família Kennedy, com os preços dos carros usados e os anúncios dos classificados. Por mais desolado que estivesse, conservava seus interesses americanos normais. Então, às três da manhã — no final, ele já não conseguia dormir grande coisa —, resolveu levar o lixo para baixo e sofreu um ataque do coração dentro do elevador. Quando a dor bateu, parece que ele tombou de encontro ao painel dos botões e apertou-os, inclusive o botão de alarme. As campainhas tocaram, a porta abriu, ele saiu aos trambolhões para o corredor e caiu, derramando latas, pó de café e garrafas do seu balde de lixo. Arquejante, com falta de ar, rasgou a camisa. Quando os guardas chegaram para levar o morto ao hospital, ele estava com o peito nu. O hospital não quis mais recebê-lo, por isso o levaram para o necrotério. Lá, não havia leitores de poesia moderna. O nome Von Humboldt Fleisher não significava nada. Assim, ele ficou lá estirado, mais um indigente.

Visitei seu tio Waldemar em Coney Island, não faz muito tempo. O velho apostador de cavalos estava num asilo. Ele me disse: “Os canas safados roubaram o Humboldt. Levaram o seu relógio de pulso e a grana, até a caneta-tinteiro surripiaram. Ele andava sempre com uma caneta-tinteiro. Não escrevia poesia com esferográfica”.

“Tem certeza de que ele tinha dinheiro?”

“Nunca saía sem levar cem dólares no bolso, no mínimo. Você devia ver como ele era com dinheiro. Sinto falta do garoto. Que falta eu sinto!”

Eu me sentia exatamente igual a Waldemar. Fiquei mais comovido com a morte de Humboldt que com a ideia da minha própria morte. Ele havia se formado para ter sua morte lamentada e sua falta sentida. Humboldt pôs esse tipo de peso sobre si mesmo e elaborou na própria fisionomia todos os sentimentos humanos mais sérios e relevantes. Uma cara como aquela, a gente nunca esquece. Mas com que finalidade havia criado aquilo?

Muito recentemente, na primavera passada, eu me vi pensando sobre isso a partir de uma associação estranha. Estava num trem na França com

Renata, fazendo uma viagem que, como a maior parte das viagens, eu não precisava nem desejava fazer. Renata apontou para a paisagem e disse: “Não está lindo lá fora?”. Olhei e ela tinha razão. Era mesmo lindo. Mas eu tinha visto a Beleza muitas vezes e assim fechei os olhos. Rejeitei os ídolos de gesso das Aparências. Junto com todos, eu havia aprendido a ver aqueles ídolos e estava farto da sua tirania. Até pensei assim: O véu pintado já não é mais o mesmo de antigamente. A porcaria está ficando gasta. Como uma toalha de rolo num banheiro masculino mexicano. Eu estava pensando no poder das abstrações coletivas e tudo isso. Mais que nunca, desejamos ardentemente a vivacidade radiante do amor ilimitado e, cada vez mais, os ídolos estéreis frustram isso. Um mundo de categorias desprovido de espírito espera que a vida regresse. Humboldt deveria ser um instrumento dessa retomada. Tal missão ou vocação se refletia em seu rosto. A esperança de uma beleza nova. A promessa, o segredo da beleza.

Nos Estados Unidos, por falar nisso, esse tipo de coisa confere às pessoas um aspecto bastante estrangeiro.

Era coerente que Renata voltasse minha atenção para a Beleza. Tinha um motivo pessoal para fazer aquilo. Ela era ligada à Beleza.

No entanto, a cara de Humboldt mostrava claramente que ele compreendia o que devia ser feito. Mostrava também que ele não tinha tempo para fazer aquilo. E ele também voltava minha atenção para paisagens. No final da década de 40, ele e Kathleen, recém-casados, haviam se mudado do Greenwich Village para a zona rural de Nova Jersey e quando eu o visitei então, ele era só terra, árvores, flores, laranjas, sol, Paraíso, Atlântida, Radamanto. Falou sobre William Blake em Felpham e sobre o Paraíso de Milton, e espinafrou a cidade. A cidade era nojenta. Para acompanhar o intrincado fio da sua conversa, era preciso conhecer seus textos básicos. Eu sabia quais eram: *Timeu*, de Platão, o que Proust escreveu sobre Combray, o que Virgílio escreveu sobre agricultura, o que Marvell escreveu sobre jardinagem, a poesia caribenha de Wallace Stevens etc. Um motivo de Humboldt e eu sermos tão ligados era o fato de eu querer aprender tudo o que ele tinha a ensinar.

Assim, Humboldt e Kathleen moravam num sítio, na roça. Algumas vezes por semana, Humboldt ia para a cidade a negócios — negócios de poeta. Estava no auge da sua reputação, mas não no auge do seu talento. Havia conseguido quatro sinecuras das quais eu tinha conhecimento. Podia haver mais

algumas. Considerando normal viver com quinze pratas por semana, eu não tinha meios de avaliar as necessidades e a renda de Humboldt. Ele era muito reservado, mas deixava escapar alusões a grandes somas de dinheiro. E agora conseguira ser indicado para suceder o professor Martin Sewell em Princeton por um ano. Sewell ia ficar fora da universidade para dar palestras Fulbright sobre Henry James em Damasco. Seu amigo Humboldt o substituiria. Havia necessidade de um instrutor no curso e Humboldt me indicou. Fazendo bom uso das minhas oportunidades no boom cultural do pós-guerra, eu tinha resenhado toneladas de livros para a *The New Republic* e o *Times*. Humboldt disse: “O Sewell leu os seus textos. Acha que você é muito bom. Você *parece* simpático e inofensivo, com os seus olhos escuros e ingênuos e com as suas maneiras gentis do Meio Oeste. O velho quer dar uma olhada em você”.

“Dar uma olhada em mim? Ele vive tão bêbado que mal consegue achar o caminho para sair de uma frase.”

“Como eu disse, você *parece* um *ingenu* simpático, até o seu melindre ser melindrado. Não seja tão esnobe. É só uma formalidade. A encrenca já está armada.”

“Ingênuo” era um dos palavrões de Humboldt. Debruçado em literatura psicológica, ele enxergava através dos meus atos. Minhas ruminções e meu desapego às coisas materiais não o enganavam nem por um minuto. Ele conhecia a esperteza e a ambição, conhecia a agressão e a morte. O espectro da sua conversação era o mais vasto de que ele era capaz, e quando ia para a roça em seu carro Buick de segunda mão, Humboldt despejava aquilo sem parar, enquanto os campos passavam voando lá fora — a doença napoleônica, Julien Sorel, os *jeunes ambitieux* de Balzac, o retrato de Luís Bonaparte feito por Marx, o Indivíduo Histórico Mundial de Hegel, o intérprete do Espírito, o líder misterioso que impunha à humanidade a tarefa de compreendê-lo etc. Esses tópicos eram bastante comuns no Village, mas Humboldt acrescentava uma inventividade peculiar e uma energia mágica a tais discussões, um fervor pela complexidade e também pelas alusões e pelos duplos sentidos finneganescos. “E nos Estados Unidos”, dizia, “esse indivíduo hegeliano na certa proviria da esquerda. Nascido em Appleton, Wisconsin, talvez, como o Harry Houdini ou o Charlie Citrine.”

“Por que começar logo comigo? Comigo você está muito longe do alvo.”

Foi exatamente nessa ocasião que me senti chateado com Humboldt.